

Artes Visuais

# O congestionado Panorama do MAM

IVO ZANINI  
Crítico do "Folha"

A reabertura do Museu de Arte Moderna de São Paulo após reformulação do espaço pela arquiteta Lina Bo Bardi, embora auspiciosa, deixa a desejar quanto à forma como o espaço foi distribuído para a apresentação de "Panorama da Pintura Brasileira". Um fato e outro estão interligados.

O excesso de painéis de certa forma esmagou a mostra para o público (e para os teóricos também), porque o visitante quase não encontra o necessário distanciamento para olhar as obras. Ou tem dificuldade. E ao mesmo tempo, o Panorama, considerando a exiguidade física da área disponível, deveria ser resumido por uma questão tática, tanto pela quantidade de quadros recolhidos, como porque algumas dezenas deles seriam perfeitamente dispensáveis para efeito de reforço da exposição. Como não houve tal providência, vários bons artistas estão prejudicados pela má localização dos seus trabalhos, encurralados, mesmo, em cantos.

Mas coletivas como essa sempre terão altos e baixos. Se a própria crítica nacional fez as indicações críticas que deveriam participar do salão, esse fato não é um sinal de "culpa". Condições de espaço não significam apoiar o artista sem o indispensável preparo. Pode até levar a algumas interpretações, influenciando a se sentir "conseguido". Por outro lado, alguns poderão lamentar ausências precisas de Volpi, Mabe, Fukushima, Israel Pedrosa, José Moraes, Gruber, Flaminhi, Glauco Pinto de Moraes e outros que, ou não atingiram o necessário quorum da votação dos críticos, ou recusaram participar do certame por motivos particulares (comprometidos com exposições individuais, falta de trabalhos etc.). Certo, mas o ponto nevrálgico não reside aí, e sim justamente no número conglomérado de representantes de Estados, quando o espaço não comporta essa tolerância.

A representação de São Paulo é a mais numerosa e também a mais compacta. Encontramos em Ianelli o gigantismo das telas geométricas harmonizando com a leveza cromática, característica



Tela de Cláudio Kuperman: expressionismo de cores fortes

cada vez mais marcante em sua obra; o bom paisagismo rural pela senda construtivista de Aldir Mendes de Souza; o lirico-informal de Tunes; o potente realismo de Sedin; o encadeamento límpido das novas formas de Thomaz; a sólida composição de Antônio Henrique Amaral; maleabilidade de formas nas telas de Tomie Ohtake; a boa solução com elementos simbólicos de Ubirajara Ribeiro e Odriozola. Firmes os geométricos Sacilotto e Maurício Nogueira Lima, este prejudicado com a má localização à entrada da mostra. Alguns novos também atingem índices satisfatórios, como Flávio Bassani, Takashi, Christina Parisi, Antônio Vitor e Alex Fleming. Destoam as paisagens carregadas de massa de Gregório, que não reedita sua boa produção anterior.

Do Rio (embora natural de São Paulo), um dos melhores da mostra é Cláudio Kuperman explodindo no gestual expressionista informal e na quebra das cores. Ele é um dos pontos altos do Panorama, ao lado da gaúcha Maria Tymassell Cirne Lima, aliás dos quatro premiados (ela, Luiz Paulo Baravelli, Cleber Gouveia e Ivald Granato) foi a que realmente fez jus. Benevenuto também está bem, como estão Marília Kranc, Antônio Maia e Zaluar.

Uma outra presença inspirada do certame é o "Incomum" de Goiás,

Antônio Poteiro, com seus imensos trabalhos "naifs" de muita liberdade temática e episódios carregados de humor ingênuo calcado na realidade. Do mesmo Estado, Siron Franco parece tímido em fortalecer sua temática de interligação humana e animal repousada no grotesco.

Representativa a pintura de Heloisa Juacaba, do Ceará, com relevos geométricos em branco, adaptando cordas e cadarços no eucatex. O gaúcho Jungbluth sai-se bem com bonecas e seqüência de cadeiras realistas, num equilibrado jogo de claro-escuro. Outro gaúcho com obra razoável é Brito Velho. Inimã de Paula dá as boas vindas de Minas sempre com paisagismo rico de matizes e vivência lírica, mais ou menos como o catarinense Rodrigo de Haro, o baiano Fernando Coelho, e os mineiros Carlos Bracher, Babinski (residindo em Minas) e Benevenuto.

Enfim, um pouco da melhor (e também da ainda descuidada) pintura nacional está presente na exposição sob a grande marquete do Ibrapera. Apesar das restrições, é possível avaliar o caminho seguro que a maioria segue nas mais diversas direções, em busca da plena realização, difícilíssima de ser atingida.

## Embrafilme terá superávit em 83

Do sucursal de Brasília

O presidente da Embrafilme, Roberto Parreira, informou que, embora tenha autorização de despesas para Cr\$ 5,2 bilhões, a empresa deverá fechar o ano com Cr\$ 8,4 bilhões, devido a um excesso de receita registrado ao longo de 1983.

Segundo declarou na última sexta-feira, até outubro a receita da Embrafilme tinha chegado a Cr\$ 6,6 bilhões, mas como os dois últimos meses são muito favoráveis, "tudo indica que chegará aos Cr\$ 8,4 bilhões estimados".

"Essa arrecadação — acrescentou — é originária, uma parte, de receitas institucionais" representadas por: 1) parcela sobre a remessa de lucro das empresas estrangeiras, e que até outubro significou 27,3 por cento do total; 2) pela cobrança de ingresso padronizado, 16 por cento; 3) pela cobrança de título (filme novo) que entra no País, 9,9 por cento".

A outra parcela é chamada de "receitas operacionais", que se subdividem em receitas de produção e distribuição (31,1 por cento até outubro); de exibição (2,1 por cento); comercialização externa (2,7 por cen-

to); e serviços de uma maneira geral (6,9 por cento).

A arrecadação de outubro é ainda estimativa e deverá situar-se em termos de valores entre Cr\$ 740 e Cr\$ 814 milhões. Parreira explicou que, ao contrário dos outros anos, em 1983 a Embrafilme fez poucas aplicações financeiras e não terá receita nessa área. Declarou ainda que está esperando um superávit nas contas da Embrafilme para 1983 da ordem de Cr\$ 400 mil, exatamente igual ao do ano passado. Para 1984, sua previsão orçamentária praticamente triplicou em relação ao total a ser consolidado este ano: é de Cr\$ 21 bilhões.

# Há muitos ouvidos nos telefones de Brasília

Manter uma conversa sigilosa muitas vezes pode ser uma missão impossível

TÃO GOMES PINTO  
Repórter da Sucursal de Brasília

As pessoas mais ou menos informadas sabem que em Brasília as paredes, especialmente os lambris das paredes, têm ouvidos. Essa constatação faz inclusive com que proliferem por todo o País a paranóia dos chamados "grapeadores".

No Rio e em São Paulo, especialmente entre intelectuais com militância jornalística e política (perdida pela redundância), afirmar numa roda que o seu telefone está censurado confere ao cidadão um certo status, uma aura de respeitabilidade.

Em Brasília, no entanto, esses cuidados com ouvidos eletrônicos não são fruto de paranóia. Os aparelhos de escuta aqui funcionam mesmo.

Durante este período em que Brasília vive sob o estado emergencial por duas vezes tentei falar com políticos de alguma expressão via telefônica e, assim que uma das partes envolvidas nessa perigosa operação mencionava determinadas palavras-chave (Newton Cruz, ou general Nini, por exemplo), a conversa era interrompida por um zumbido e as ligações caíam.

Ainda outro dia divagávamos o deputado Tales Ramalho e este redator sobre as incidências astrológicas que cercam certas candidaturas.

Tales havia recebido de um jornalista recém-convertido à doutrina de que a sucessão será decidida pelos planetas e não pelos convencionais pedesistas, o mapa astrológico dos candidatos Maluf e Aureliano.

Tales explicou-me que a colocação do Sol em relação ao planeta Saturno não era um bom indicio para Maluf. A configuração astrológica de Aureliano, ao contrário, seria excelente por volta de setembro do ano que vem, quando deve ser definido o candidato oficial.

Indaguei então de Tales o que os astros reservavam para o dr. Tancredo em matéria sucessória. Ele respondeu que para fazer o mapa de Tancredo era preciso saber a hora exata do seu nascimento. Sugeriu que telefonasse a Belo Horizonte perguntando.

Com aquele vazeirão que revela sua

infinita paciência diante das grandes ignorâncias, Tales respondeu: "E você acha que o dr. Tancredo vai dizer a verdade?"

Até aí a conversa fluiu normalmente, sem interferências. Foi então que indaguei sobre a posição dos astros em relação a Andreazza.

Os zumbidos surgiram atrapalhando a conversa, interrompida ali por uma frase do experimentado parlamentar: "Passa em casa hoje à noite". O nosso ouvinte eletrônico ficou assim sem essa preciosa informação.

Falar no telefone em Brasília requer uma técnica toda especial. O general Golberri, por exemplo, usa dois aparelhos.

Um com linha direta e outro com teclado. No de linha direta, mais fácil de ser grameado, ele fala tudo aquilo que, segundo as conveniências do general, deve ser registrado pelo equipamento de escuta. No de teclado, de acesso mais difícil para os curiosos, ele fala o que pensa, ou o que deseja que os outros pensem que ele pensa.

Já o dr. Tancredo só fala no telefone sobre as condições meteorológicas. Não abre exceção. Há muitos como ele, assim como são inúmeras as histórias que vêm à tona sobre os telefones brasilienses.

Ainda recentemente, ao desembarcar em São Paulo, o ministro Délio Jardim de Matos passou a um amigo que o fora receber no aeroporto uma fita gravada. Disse que era uma fita do Roberto Carlos. O amigo colocou a fita no bolso do paletó e esqueceu o assunto.

A noite, quando se lembrou da fita, preparou-se para escutar as habituais referências que Roberto faz ao conforto das camas dos hotéis e foi surpreendido ouvindo sua própria voz e a do deputado João Cunha. Eles haviam conversado naquele mesmo dia, pela manhã.

O que sugere que o processamento das gravações e seu encaminhamento a quem de direito (no caso houve um desencaminhamento, tanto que as fitas foram parar nas mãos do ministro) pode ser muito rápido.

Uma das técnicas usadas aqui por pessoas que realmente precisam do telefone para comunicações que possam

interessar aos equipamentos de escuta é deixar o aparelho fora do gancho durante 20 ou 30 minutos e só então fazer a ligação.

Fazem isso na presunção de que a fita do ouvinte eletrônico se esgotou ouvindo o silêncio e não seja trocada a tempo pela falta de pessoal, esse mal crônico de todas as repartições públicas, inclusive as que se dedicam à escuta telefônica.

"É uma ilusão", disse-me um especialista que já trabalhou no ramo, acrescentando que nessa repartição nunca há falta de pessoal e que as fitas utilizadas são bobinas momentaneamente acionadas eletronicamente apenas quando registram vozes. De forma que é muito difícil para um telefone brasiliense livrar-se delas.

Segundo esse especialista a única maneira realmente segura de evitar intromissões nas conversas é conseguir um cartão de crédito telefônico e falar de cabine pública para cabine pública (muitas aqui em Brasília têm um código e podem receber chamadas) - a questão é como fazer para marcar com o interlocutor a cabine e hora da ligação sem que o aparelho eletrônico ouça.

O processo mais seguro, o único mesmo, de se conversar certos assuntos em Brasília era o que utilizava Heitor de Aquino, ex-secretário particular do presidente da República. Heitor não apenas evitava os telefones, como os tapetes (tinha alergia por poeira), os lambris e outros utensílios comuns encontrados nos recintos fechados.

Quando precisava ter uma conversa a dois, Heitor convidava a pessoa para visitá-lo à noite na granja do Riacho Fundo. Ali, no meio do cerrado, para os lados do Núcleo Bandeirantes, convidava o amigo para uma volta pelos amplos jardins da residência, apontava o céu e dizia:

"Está vendo aquela estrela? É Alfa Centauro. É a estrela mais próxima da Terra e no entanto está a 4,3 anos luz daqui. Agora que estamos reduzidos à nossa insignificância, e realmente estamos sós, podemos conversar".

Ainda assim Heitor acabou caindo. Aqui, nesta cidade, não só as paredes têm ouvidos. As estrelas também têm.

Ciência

## Nobel faz justiça a dois estudiosos

J. REIS

Do equipe de articulistas do "Folha"  
Subrahanyan Chandrasekhar e William G. Fowler, ambos na casa dos 70, ganharam este ano o Nobel por fundamentais e já antigas contribuições sobre a evolução das estrelas.

As estrelas de primeira geração formam-se a partir de condensações numa nuvem gasosa de hidrogênio e hélio. Aumentando de temperatura e densidade, e incorporando cada vez mais hidrogênio, essas condensações chegam a um estado de equilíbrio - as protoestrelas. Dentro destas, ao fim de bilhões de anos, começou a fusão dos núcleos de hidrogênio, processo semelhante ao da bomba de hidrogênio, com produção de hélio e desprendimento de energia. Assim principia a vida das estrelas.

Quando o hélio alcança determinada proporção da massa estelar, ocorrem fenômenos que redundam em aumento de tamanho e de brilho do astro, que se torna uma gigante vermelha. Nela se inicia a produção de outros elementos, como carbono, oxigênio e até metais pesados, como o ferro.

O progressivo esgotamento do combustível nuclear determina o progressivo encolhimento da estrela, cujo fim passa a depender de sua massa. Instala-se um processo de desintegração dos elementos pesados em outros cada vez mais leves.

Nas estrelas de massa inferior a uma vez e meia a do sol, sobrevém o colapso, porque a força da gravidade fica maior que a energia interna. Surgem assim as anãs brancas, muito densas. Uma estrela com a massa do sol se transforma num corpo do tamanho da terra. Nas anãs brancas a matéria se encontra no que se chama de estado degenerado,

constituindo um gás de núcleos atômicos e elétrons.

Nas estrelas cuja massa é igual a 1,5, duas vezes a do sol, a contração prossegue além desse estado e chega afinal a um ponto em que elétrons e núcleos se fundem num mar de nêutrons, formando uma estrela de nêutrons, de algumas dezenas de quilômetros de diâmetro e densidade tão grande que um centímetro cúbico tem massa de 100 milhões de toneladas. Se a massa da estrela excede duas massas solares, nenhuma força consegue deter a contração, que continua até que toda a energia fique aprisionada, sem poder escapar. Nasce um buraco negro.

Ao longo do processo evolutivo outros fenômenos podem ocorrer, ligados à perda do excesso de massa. As camadas externas podem ser lançadas no espaço, ou a própria estrela pode explodir (supernova), espalhando os elementos pesados que tão laboriosamente construiu. Misturados com o hidrogênio que ainda existe no universo, esses elementos formam novas gerações de estrelas e nebulosas enriquecidas de elementos pesados, que se transformam em sistemas planetários, semelhantes ao nosso.

Foi Fowler, com a colaboração de outros, quem estudou teoricamente a formação dos elementos químicos pesados nas estrelas, assim como a explosão das supernovas. Foi um trabalho tão apurado que Fowler conseguiu prever o que se deveria encontrar nos diversos tipos de estrelas, sendo confirmado pela observação direta.

Chandrasekhar era ainda muito jovem quando começou a meditar sobre o destino das estrelas. Quando foi para a Inglaterra levava esse problema na cabeça. Em 1935 conseguiu demonstrar

matematicamente que as estrelas de massa uma vez e meia (na verdade, 1,44 vez) superior à do sol não acabam como anãs brancas, mas continuam a contrair-se. Chegara a essa conclusão partindo da análise do estado degenerado característico das anãs brancas.

Quando o tímido e calado indiano de apenas 24 anos leu sua comunicação na Real Sociedade Astronômica, encontrou pela frente o mais prestigioso astrônomo da Inglaterra, Sir Arthur Eddington. Embora não conseguisse demonstrar nenhum erro nos cálculos do indiano, Sir Arthur enfaticamente afirmou, com ironia que às vezes provocava gargalhadas, que a teoria devia estar errada porque conduzia a um absurdo.

Que absurdo era esse, que a Natureza jamais cometeria? Pelos cálculos de Chandrasekhar, a estrela não pararia de contrair-se e chegaria a ser um objeto de poucos quilômetros de diâmetro, cuja gravidade seria tão forte que prenderia no interior do objeto toda a energia!

O "pobre Chandra", como lamentaram os colegas, estava perdido. Na verdade, por causa do julgamento de Sir Arthur não conseguiu nenhum posto acadêmico na Inglaterra. Migrou para os Estados Unidos. Mas não se deteu por vencido. Escreveu um livro sobre o assunto e foi tratar de outros problemas, deixando em cada um marca indelével.

O tempo lhe fez justiça. O que a Eddington parecia absurdo só hoje duas das mais palpitantes realidades da astrofísica, as estrelas de nêutron e os buracos negros. Apesar da briga científica, Chandra e Eddington continuaram amigos. E Chandra até acha que a divergência foi estimulante e talvez decisiva para sua carreira.

Letras Jurídicas

## Prisão cautelar é uma ameaça

WALTER CENEVIVA

Do equipe de articulistas do "Folha"  
Um dos problemas mais sérios da vida contemporânea — senão o mais sério para quem vive nas grandes metrópoles — é o dos riscos e danos decorrentes da criminalidade crescente.

Fosse apenas uma questão de violência contra o patrimônio e haveria a saída de o recompor. Diz o velho provérbio que é melhor perder os anéis que os dedos... Contudo, registra-se um aprisionamento da malandragem que atinge as vítimas. Os meios de comunicação omitem as descrições mais dantescas, mas o Inferno está aí. "Deixem toda esperança que aqui entrarem", estava escrito na entrada do mundo infernal de Dante. O mesmo dito cabe para quem chegue à grande metrópole. É certo que será assaltado. Sorte será se perder apenas as coisas conseguidas com sacrifício. Pode-se perder a vida. E, por incrível que pareça, perder a vida não é a pior perspectiva. Há os que viram parentes próximos serem violados do modo mais terrível. Há os que foram feridos gravemente e inutilizados para a vida.

A constatação desse fenômeno descrito com vigor deliberado, é acompanhada pela denúncia de um simultâneo processo distorcedor, que pretende substituir a violência privada pela violência do Estado. Os autores desse processo agem como se a agressão praticada pelo Poder Público fosse melhor do que a desenvolvida pelos marginais da sociedade em que vivemos.

No desenvolvimento da violência estatal há, como ponto mais notório, a defesa, por setores da sociedade, da liquidação sumária de pessoas que a polícia considera criminosas. Um segundo ponto tem sido focalizado nos últimos dias. É o da prisão cautelar. Há pressões para que a lei autorize o encarceramento de pessoas, que a polícia afirma suspeitas, no início das investigações, independentemente de ordem judicial ou de flagrante delito.

Nesse assunto estou cem por cento de acordo com o juiz das Execuções Criminais, José Gaspar Gonzaga Franceschini. Somos contra a prisão cautelar.

Se nosso equipamento policial fosse inteiramente confiável, a prisão cautelar poderia até ser discutida e eventualmente admitida. Todavia, o respeito ao indivíduo inocente, que é de máxima importância, torna indesejável que se abra a possibilidade de prender alguém, sob simples alegação de suspeita. A pretendida liberdade de ação facilitará o enriquecimento ilícito dos corruptos. Permitirá a perseguição fácil dos inimigos. Enfraquecerá a sociedade.

As vítimas estarão na grande massa do povo. Os abonados sempre terão meios de se livrarem de tais incômodos. Mas os abonados, num país de modelo concentracionista de riqueza, representam menos de 5% da população.

Num mundo cada vez mais difícil e inamistoso para o policial, há que ser

proclamado que a maior parte da polícia paulista é constituída de gente que cumpre seu dever. Que exerce sua função de modo útil para a coletividade. Contudo, ninguém se dete por a existência de maus elementos. A instauração da prisão cautelar permitirá a estes que explorem seus piores instintos, sem nenhum benefício para o grupo social. Nem para a punição dos culpados.

Por outro lado a estatística demonstra que os mandados judiciais de prisão não são cumpridos. Há, como bem acentuou o juiz Franceschini, necessidade imediata de instalações prisionais para mais vinte mil delinquentes. Os mandados não cumpridos devem ultrapassar um número real de trinta mil condenados. Ora, se nem os condenados são presos; se nem haverá lugar para os manter encarcerados se forem presos, conclui-se que não há lógica em se acrescentar mais um instrumento aprisionador. Fica, outra vez, claro que estarão principalmente sujeitos a serem presos os desprovidos de "meios" para contornarem a corrupção ou a má vontade. A prisão cautelar é um retrocesso. Não devemos permitir que o temor prejudique o bom juízo da sociedade. É importante ler e reler a opinião ilustre, manifestada através deste jornal, de um magistrado digno e operoso, o dr. José Gaspar Gonzaga Franceschini. Ele resume o interesse social, com sua palavra autorizada.

# HOJE NO 7

AS MELHORES SÉRIES INÉDITAS DA TV

**AS AVENTURAS DE B.J.**

20:00

**SUPER MÁQUINA**

21:00

**Os Poderes da Mente**

22:00

**RECORD**